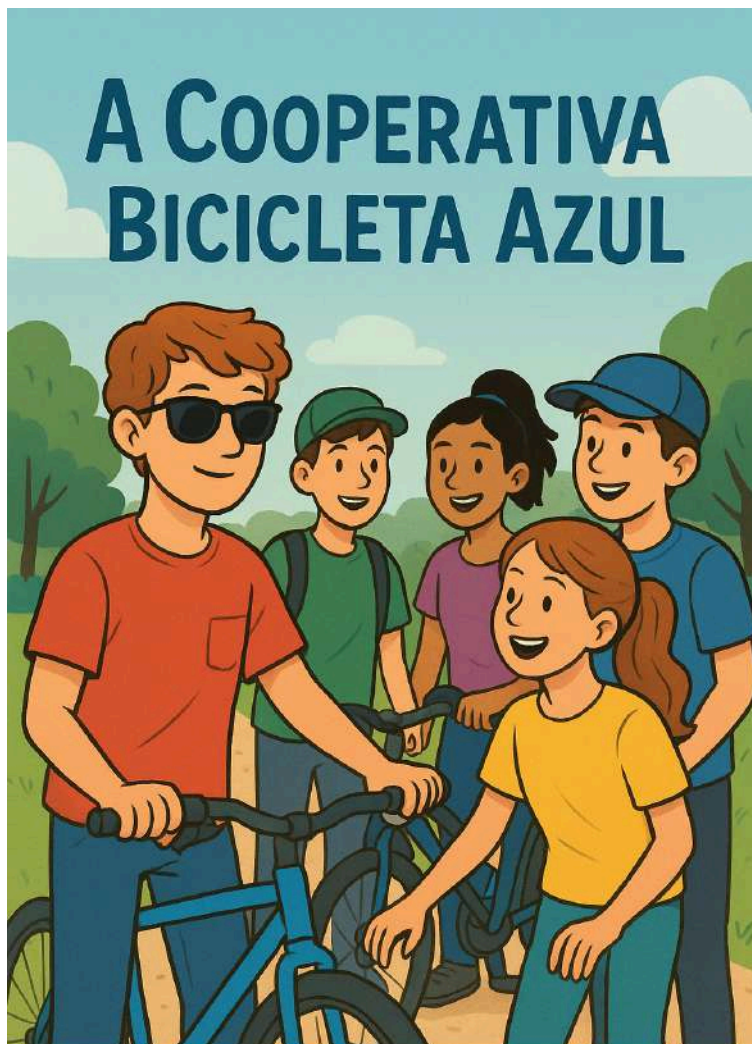


A Bicicleta Azul

Marina Almeida

Jornalista, editora-adjunta de Local e de
Sociedade e editora de Cultura



Entidade promotora:



Financiamento



Os Fundos Europeus mais próximos de si.

1.

– Luís!

– Luííííí!!! Vem connosco, vá láááááá!

Virei a cabeça e lá estavam eles, alinhados, a chamar-me com as bicicletas pela mão. A Joana e a Júlia, com o cabelo apanhado num carrapito a esvoaçar, o André, o Ivan e o Richie, de boné. Todos com um sorriso.

– Levas a bicicleta do Jorge, vamos dar uma volta. Ele empresta-te! Vá lá, não sejas chato..., insistia a Júlia.
Corei e sorri.

– Ok, vocês são doidos, mas ok.

Mandei uma mensagem à minha mãe, guardei a mochila no cacifo da escola e saltei para a bicicleta.

Pobre Jorge. Torcera o pé a jogar à bola e não podia ir. Os meus amigos aproveitaram logo para me desafiar. Sabiam que eu não os podia acompanhar nos passeios de sexta-feira, porque não tinha bicicleta.

Seguimos em grupo a pedalar. Pelo caminho, juntaram-se o Lucas, o Aziz, a Cássia – ou Ka para os amigos –, depois a Jacqueline e a irmã, Rosie.

Levaram-me a sítios que eu não conhecia – um miradouro bonito com vista para todo o bairro, o campo de basquete, o trilho no meio do parque. O mais fantástico foi descobrir o rio de água transparente, onde podemos ir no verão.

Regressei ao fim da tarde, cansado e feliz. Fiz questão de devolver a bicicleta ao Jorge e agradecer.

Este dia foi muito especial. Pela primeira vez senti-me em casa. Tínhamo-nos mudado para aquele bairro há três meses e quando as aulas começaram fui para uma escola onde não conhecia ninguém. Procurava conforto nas mensagens que trocava com os meus antigos colegas.

- Olá, Luís, que bem-disposto vens!

- Olá, Sr. Júlio! Fui passear de bicicleta!, respondi ao vizinho do terceiro andar antes de subir as escadas a correr.

– Mãe, os meus amigos são o máximo. Sabes que há um rio onde podemos ir nadar no verão?

Ela sorriu e abraçou-me.

– Que bom. Tens de nos levar lá. Agora, banho e jantar!

Havia sempre mais para contar do que o tempo deixava. Não insisti. A minha mãe andava triste. Estava sempre em casa porque tinha perdido o emprego. Só mais tarde percebi que foi por isso que mudámos de casa. Era também por isso que eu não pedia uma bicicleta nova aos meus pais.

Nas semanas seguintes, continuei a ir a pé para a escola, e dei por mim a reparar nas bicicletas paradas à porta dos prédios. Bicicletas de adulto, com cadeiras de bebé, de criança (como a minha, que agora era da minha irmã).

Foi então que vi a bicicleta azul. Estava presa com um cadeado cor-de-rosa, cheia de pó e de folhas secas. Tinha os pneus vazios. Não saía dali há meses.

Demorei a ter a ideia.

2.

Estou a suar, as minhas pernas tremem, tenho calor e depois frio e calor outra vez, mas avanço.

Passo o cordel vermelho às riscas brancas pelo guiador da bicicleta azul e dou um laçarote rápido. Deixo o papel suspenso, a rodopiar. Saio depressa, não quero ser visto.

Olá. Sou o Luís e passo todos os dias por esta bicicleta.

É muito bonita. Vejo que não tem andado muito.

Se não precisares dela, será que me podes emprestar ou dar para eu ir para a escola?

Obrigado.

As pernas só param de tremer no fim da aula de matemática.

– Estás bem?,
perguntou a Júlia.

– Estou... talvez esteja a ficar doente, menti.

Se calhar, ninguém respondia. Se calhar, iam achar parvo. Se calhar, o dono da bicicleta já nem morava ali...

Uns dias depois, estava sentado no sofá, quando o meu telemóvel brilhou:

*Olá, Luís. Recebi esta mensagem na minha
bicicleta (vinha com foto do bilhete).
Ofereço-a a quem cuide melhor dela do que eu.*

Comecei aos pulos. Quando acalmei, respondi:
- Fico muito contente. Quando posso buscá-la?
- Amanhã às 5, junto à bicicleta?

3.

Enquanto me aproximo, vejo um rapaz alto de boné a tirar o cadeado e a libertar a bicicleta azul do emaranhado de bicicletas.

- Olá...
- Olá, Luís. Sou o Tiago.

Deu-me um aperto de mão firme.

- Que fixe o teu recado! Fico mesmo contente por ficares com a bicla. Há muitos anos que não me serve e não tenho irmãos. Cresci, comecei a trabalhar e, olha... o tempo vai passando. Vivi bons momentos com ela, foi o meu avô que ma ofereceu quando fiz 10 anos. Não sei o estado em que está essa corrente...

O Tiago passou a mão no selim, limpou-lhe o pó, e entregou-me o guiador da bicicleta azul.
- É tua.
Agradei-lhe. Sigo com a bicicleta azul pela mão e sinto-me um gigante.

À medida que me aproximo de casa, os pensamentos assaltam-me: a bicicleta precisa de arranjo e eu não sei como o fazer.

- Ei, Luís, que bela bicicleta aí trazes! - interrompe-me o Sr. Jaime.
- Sim, fui agora buscá-la... ofereceram-me, sabes?
- E como a vais arranjar?

Fiquei sem palavras.

O vizinho pôs-se de cócoras junto à corrente e apertou os pneus acenando com a cabeça.

- Anda comigo.

Abriu a porta da arrecadação número 8. Lá dentro havia ferramentas ordenadas e duas bicicletas penduradas, numa organização impecável.

- É a minha paixão, Luís. Já tive outros trabalhos, mas é disto que gosto.

Dois dias depois, a bicicleta azul brilhava. Quando cheguei à escola, os meus amigos fizeram uma grande festa!

Passei então a ir para a escola de bicicleta. E dei por mim a reparar em todas as bicicletas que não eram usadas. E eram muitas! Na sexta-feira seguinte comentei com os meus amigos. Começou então uma enorme discussão, ideias a voar... E se...?

Nesse dia, pedalámos pelo bairro e contámos 18 bicicletas sem uso. A maior parte eram de criança.

... E se puséssemos papelinhos em todas essas bicicletas, o Sr. Jaime recuperava e doávamos a crianças que não têm?

4.

Escrevemos muitos bilhetinhos:

Olá. A tua bicicleta é bonita.

Somos um grupo de amigos com um projeto para recuperar bicicletas e dar a quem precisa.

Se já não usas a tua, queres doar ao projeto

Bicicleta Azul?

Não tardaram a chegar respostas. E bicicletas. Muitas bicicletas. E ainda mais, porque as pessoas que receberam o nosso papelinho falaram com outras, que também quiseram participar.

A ideia cresceu mais do que alguma vez imaginámos.

Pedalava-se cada vez mais no bairro. As pessoas começavam a parar-nos na rua para perguntar se ainda aceitávamos bicicletas, se precisávamos de ajuda. Um grupo de pais quis juntar-se. O Sr. Jaime começou a ensinar-nos a reparar correntes, travões, pneus. Até a minha mãe apareceu um dia na arrecadação com umas sandes para todos e ficou ali, a conversar. No dia seguinte voltou com a máquina de costura e começou a fazer capas para as bicicletas com tecidos antigos (ficaram lindas!).

A Jacqueline trouxe o pai, que sabia pintar bicicletas. A Rosie desenhou um logótipo. O Ivan propôs que criássemos um pequeno jornal de parede na escola para contar as histórias das bicicletas e das pessoas que as receberam (chamámos-lhe O Biclás). A Júlia sugeriu que organizássemos passeios para integrar as crianças novas do bairro. A Ka teve a ideia de fazermos também empréstimos temporários.

O projeto Bicicleta Azul crescia a olhos vistos: precisava de um espaço maior,

precisava de uma equipa fixa, de contas organizadas. Juntámo-nos todos, adultos e crianças e foi então que a mãe da Júlia nos falou das cooperativas. Explicou-nos que estas nascem quando as pessoas se juntam para resolver problemas comuns. Numa cooperativa todos participam, todos têm uma palavra a dizer e todos são bem-vindos. Adultos e crianças entusiasmaram-se. Depois de muitas conversas animadas e folhas rabiscadas ficou decidido: íamos criar a Cooperativa Bicicleta Azul.

Os adultos trataram de reunir os documentos para constituir a cooperativa enquanto nós fomos à Junta de Freguesia apresentar a ideia. Levámos cartazes, O Biclás e um vídeo feito pelo André com todos os que já tinham recebido bicicletas. Explicámos que só queríamos que ninguém deixasse de pedalar por falta de uma bicicleta. Os olhos da senhora da Junta até brilharam.

Cederam-nos um armazém onde montámos a nossa oficina solidária. Criámos um regulamento, com turnos, tarefas e objetivos. A minha mãe tornou-se assistente na cooperativa: recebe as bicicletas doadas, preenche uma ficha detalhada com informações sobre o seu estado e o

seu tamanho, e anota os pedidos de quem procura bicicletas. O Sr. Jaime faz o que mais gosta. E agora com companhia, porque já ensinou muita gente! Criámos vários grupos: um para as reparações, outro para os empréstimos temporários e outro para ensinar quem não sabe a andar de bicicleta. Começámos a cobrar alguns serviços, para podermos comprar materiais, pagar salários e tornar a nossa cooperativa sustentável.

Hoje é dia de festa. A Cooperativa Bicicleta Azul faz três anos. Vamos fazer um grande piquenique.

A bicicleta azul? Usamo-la para ensinar os mais novos a andar de bicicleta. Quando está parada, penduramo-la na parede da oficina. De cada vez que olho para ela sei que não há limites para os sonhos e para a solidariedade.

A Bicicleta Azul

Marina Almeida

Jornalista, editora-adjunta de Local e de Sociedade e editora de Cultura